

Nota prévia sobre direitos de autor: O presente documento é uma versão PDF disponibilizada no endereço <http://www.ii.ua.pt/cidlc/gcl/> do documento publicado segundo a referência abaixo indicada. Este documento pode ser acedido, descarregado e impresso, desde que para uso não comercial e mantendo a referência da sua origem.

VAZ da SILVA, Ana Margarida Carvalho e VILAR, Guillermo, "Os falsos amigos na relação espanhol – português", Cadernos de PLE 3, 2003 (2004), pp. 75-96.

Ana Margarida C. Vaz da Silva
Guillermo Rodríguez Vilar

Centro de Línguas e Culturas – Universidade de Aveiro

OS FALSOS AMIGOS NA RELAÇÃO ESPANHOL - PORTUGUÊS

Resumo

Durante o processo de ensino/aprendizagem de qualquer Língua, um dos principais efeitos da interacção de sistemas linguísticos, com que se deparam quer alunos quer professores, é o denominado “falso amigo”.

Partindo da definição deste termo linguístico, do processo mental que o origina e da sua prévia contextualização, este artigo procura estabelecer uma divisão das principais lexias afectadas na relação Espanhol - Português (nível inicial), tendo em conta aspectos fonéticos, ortográficos e semânticos.

Em modo de conclusão, apresentar-se-á um pequeno apêndice - dicionário da relação dos termos encontrados em ambas as línguas.

Resumen

Durante el proceso de enseñanza y aprendizaje de cualquier lengua, uno de los principales efectos de la interacción de sistemas lingüísticos al cual tanto alumnos como profesores han de hacer frente, es el denominado “falso amigo”.

Partiendo de la definición de este término lingüístico y del proceso mental que lo origina, y previa contextualización del “falso amigo“, con este artículo estableceremos una división de las principales lexías afectadas en la relación Español - Portugués (nivel inicial), teniendo en cuenta aspectos fonéticos, ortográficos y semánticos.

Finalmente, cerramos este estudio con un pequeño apéndice - diccionario de la relación de los términos encontrados en ambas lenguas.

Abstract

During the learning/teaching process of any language, one of the main effects of the interaction between the linguistic systems both students and teachers have to face, is the so called “false friend”.

From the linguistic term False Friend and from the mental process that originates it, we shall establish a new classification of the main cases that exist in the learning and teaching of Portuguese-Spanish (elementary level). Finally, we shall end this paper with a brief appendix containing the most common false friends.

INTRODUÇÃO

Ao contrário do que ditam as regras, esperamos que nos seja permitido começar o nosso estudo com as palavras de outro investigador. O Professor Juan Manuel Carrasco, no seu *Manual de Iniciación a la Lengua Portuguesa*¹, faz esta interessante apreciação: “El portugués suele considerarse lengua fácil. Cualquier hispanohablante, por el hecho de serlo, cree que al menos puede entender y hacerse entender al establecer un diálogo con una persona de lengua portuguesa. Este hecho, apoyado además por la facilidad con que se puede entender un texto escrito en portugués con muy pocas nociones que se tengan de este idioma, provoca un rechazo o un desprecio, si no por esta lengua, sí por su estudio profundo y sistemático. Cuando éste, finalmente, se emprende, las dificultades parecen insalvables y es fácil caer en el desánimo, especialmente a la hora de usar oralmente la lengua (hablarla y entenderla). (...) La similitud entre las lenguas española y portuguesa es, sin duda, una ventaja para el aprendizaje rápido. Sin embargo, es también un arma de doble filo, pues el hispanohablante encontrará multitud de formas similares a su lengua que poseen un uso y un significado completamente diferente. Deberá, por lo tanto, prestar más atención que cualquier otro estudiante a las particularidades del portugués y, en consecuencia, debe evitar guiarse sólo por las estructuras y el léxico del castellano sin cerciorarse con anterioridad sobre su uso en portugués.”

Interessa-nos agora este comentário, não só pelo seu carácter de efectivo resumo da situação dos falsos amigos na relação mantida entre as línguas Portuguesa e Espanhola, mas também pelos fundamentais aspectos culturais que intervêm neste processo². Como bem diz o Professor Carrasco, existe um inevitável ponto de partida para a criação de inúmeros casos de falsa amizade linguística. A enorme semelhança partilhada por ambas as línguas, produto de uma mesma origem latina e de determinantes paralelismos culturais e históricos, provoca, para além da rejeição ao estudo profundo de uma destas línguas pelos falantes da outra, o aparecimento de um importante número de falsos amigos quando a aprendizagem da Língua é finalmente levada a cabo.

Deixando de lado obsoletos pensamentos e prejuízos linguísticos, tentaremos propor uma nova abordagem dos falsos amigos, baseando-nos em primeiro lugar nas nossas experiências como alunos e professores, ao mesmo tempo, do Português e do Espanhol. Neste sentido, temos vindo a constatar que em verdade, numa fase inicial de aprendizagem, os falsos amigos aparecem frequentemente e em maior medida durante as aulas de Português (PLE) do que nas aulas de Espanhol (ELE), mas considerados estes casos desde a óptica do investigador oferecem uma explicação para a sua existência mais complicada, vistos os processos e elementos que fazem parte nela.

I. O CONCEITO “FALSO AMIGO”

“Falso amigo” é um termo coloquial usado em Linguística, nomeadamente em áreas específicas da tradução, para fazer referência às lexias cognatas com diferente significação. Isto é, o falso amigo é aquele signo linguístico que, geralmente pelo efeito de partilha de uma mesma etimologia, tem uma estrutura externa muito semelhante ou equivalente a de outro signo numa segunda língua, cujo significado é completamente diferente. Essa comunidade de formas ou aparências leva o falante bilingue a estabelecer uma correspondência de significados ou, aproveitando a mesma terminologia, a acreditar numa relação de amizade semântica falsa.

¹ Carrasco González, Juan Manuel: *Manual de Iniciación a la Lengua Portuguesa*, Ariel Lenguas Modernas, Barcelona, 2001, pág. 3

² No presente artigo trabalharemos apenas sobre os sistemas de língua peninsulares do Espanhol e do Português, evitando considerar as variações não europeias.

Portanto, o falso amigo é o nome que recebe cada um dos signos que conformam este processo de extensão de conteúdos, mas evidentemente o que interessa de cada par linguístico é a relação estabelecida entre eles por parte do falante ou aluno. Essa ligação é sempre formulada com base nos elementos semânticos, como mais à frente trataremos, da mesma forma que se formulam outros efeitos no interior de cada língua.

Por esta razão, e antes de nos adentrarmos na análise dos falsos amigos, convém estabelecer as diferenças existentes entre este conceito e outros semelhantes, tais como por exemplo os *Parónimos*, para além de determinar outros como a *interferência linguística*, que também se vêem envolvidos no contexto de presença do falso amigo.

Brevemente, podemos dizer que a Paronímia tem uma zona de contacto com a produção dos falsos amigos, e é por isso que em ocasiões este conceito aparece envolvido em análises como esta. Dois elementos parónimos mantêm entre si uma situação de semelhança, também provocada como no caso dos falsos amigos por ambos os termos procederem de um mesmo étimo. No entanto, os parónimos nunca estabelecem entre si um conflito a nível semântico, pois esse tipo de palavras pertence a um mesmo campo de significação, sendo o sentido de um dos parónimos maior do que o outro, de modo a permitir inserir nele o conteúdo do outro termo. É o que acontece, por exemplo, entre *animal* e *animalesco* ou *trabalho* e *trabalhador*. Estes exemplos partilham com os falsos amigos aspectos que poderíamos chamar de constituição, como por exemplo significantes externos semelhantes e origem etimológica comum. No entanto, os parónimos afastam-se claramente dos falsos amigos porque dentro deles não existe conflito nem choque semântico e muito menos dentro de uma hipotética situação de tradução ou de ensino.

Neste sentido, as interferências linguísticas encontram-se mais vinculadas aos falsos amigos, por aparecerem durante o contacto de duas línguas. No entanto, e frente ao caso anterior, as interferências nem sempre possuem rasgos externos semelhantes nem origens comuns. A interferência entende-se como a invasão parcial e momentânea de uma língua A, quase sempre materna, sobre outra B, na qual o aluno se inicia. As razões desse salto que o aluno pratica de uma língua para a outra podem ser múltiplas e quase sempre recaem sobre a falta de uso do vocabulário recém aprendido. É sobretudo nos níveis iniciais onde o aluno de uma segunda língua costuma trabalhar com ela em função de uma constante tradução a partir dar fórmulas gramaticais correspondentes à sua língua materna, da mesma forma que vai criando mentalmente um glossário bilingue com os termos assimilados. A partir desta atitude base, a interferência constitui uma falha na tradução da língua materna para a língua secundária, deixando o aluno incluir o termo na sua forma e étimo original no ambiente de uma língua estrangeira.

Geralmente as interferências costumam aparecer em maior medida sobre estruturas gramaticais e sintáticas do que em termos de vocabulário isolados. Assim, dentro da relação entre as línguas portuguesa e espanhola, devemos destacar para o fenómeno interferencial dois factos. Por um lado, dentro do sistema gramatical, contamos com a diferença de género de palavras de uso elevado como *sangue, nariz, leite, Sida, costume,, etc.* Por outro lado, a nível sintático, a ausência do Infinitivo Pessoal no complexo verbal espanhol costuma provocar erros quando o aluno evita o seu uso através de perífrases finais do tipo *que+conjuntivo*, que correspondem a estruturas do Futuro de Conjuntivo.

II. PROCESSO DE FORMAÇÃO DO FALSO AMIGO

Os dois elementos que conformam o signo linguístico, significante e significado, são aspectos que fazem parte na elaboração do falso amigo, mas que nem sempre são considerados em conjunto nas aproximações a este fenómeno. Para sermos mais exactos, poderíamos fazer esta pergunta: que é o que provoca o falso amigo, dois significantes semelhantes ou significados divergentes? Até agora parece que todos os estudos são orientados para a comparação de formas orais ou escritas semelhantes, incidindo com menor pressão sobre as suas diferenças de significado. Este sentido no percurso da análise dos falsos amigos, isto é, partirmos do lado

externo e acabar no interno concluindo que as expectativas de sinonímia não ficam satisfeitas, é válido, mas para nós não é único. Sem que seja necessário alterar a ordem da marcha para propor um novo sistema de análise, lançamos agora esta interrogação: Quando é que se produz o falso amigo?

Com esta pergunta queremos chamar a atenção para o facto do processo do falso amigo não estar por inteiro concluído até que o elemento semântico entra em jogo e que, portanto, o processo *significante>significado* pode levar-nos a conclusões precipitadas. Para melhor compreensão da nossa proposta, façamos agora a seguinte simulação em contexto real. Costuma ser habitual, nas primeiras aulas de português, inserir o aluno na sua nova realidade material, oferecendo-lhe as primeiras noções do vocabulário do âmbito do estudante. Chegados ao entorno da sala de aula, é normal a prática do vocabulário e da pronúncia com a descrição do mobiliário.

Começam então a aparecer os primeiros casos de falsos amigos. O aluno hispanófono partirá sempre da sua língua, tentando aproximar-se o máximo possível ao equivalente em português, com a esperança de dar uma resposta certa. De entre as várias possibilidades de vocabulário, nós agora destacamos três substantivos, que colocamos na tabela a seguir com a tradução correspondente:

ESPAÑHOL	PORTUGUÊS
Silla	Cadeira
Mesa	Mesa
Pizarra	Quadro

Com o primeiro caso, ao aluno responder “*silla*” na tentativa de traduzir “*cadeira*”, vemos desaparecer tanto os indícios de coincidência linguística como de aparecimento de falso amigo. No entanto, no segundo caso, o aluno consegue fazer coincidir duas formas, mas sempre a partir da sua língua materna. Finalmente, no terceiro caso, o falante conhece uma outra nova forma linguística, que em aulas posteriores se pode tornar um falso amigo já que em espanhol “*cuadro*” tem um significado completamente diferente de “*pizarra*” (‘quadro’).

Tendo estes três exemplos em conta, vemos que a relevância do lado externo da palavra não é único nem suficiente por si mesmo para resultar num falso amigo, pois o caso de “*mesa*” reflecte bem o elevado número de vezes em que as línguas espanhola e portuguesa coincidem nas suas respectivas evoluções.

Graças também a estes três pares de signos linguísticos, podemos traçar já um nível de formação ou consideração de falsos amigos, onde finalmente se revela a importância do lado semântico. Em primeiro lugar, as diferenças visíveis entre *silla/cadeira* deixam ver a prudência que a aprendizagem do português exige ao falante de espanhol e como as tentativas de conseguir uma tradução fácil são frustradas. Em segundo lugar, *mesa/mesa*, exemplificam bem como um falso amigo se desfaz ao inserirmos o aspecto semântico nas nossas intuições. Finalmente, *quadro/pizarra* leva-nos ao aparecimento, num futuro imediato, do falso amigo *cuadro/quadro*.

A partir da análise dos três pares apresentados, pretendemos demonstrar que o falso amigo só se pode considerar tendo em conta o conteúdo semântico. A simples aparência gráfica da palavra não nos demonstra se se trata da mesma palavra em duas línguas diferentes, já que ambas partiram do mesmo étimo arcaico, ou se, por outro lado, estamos perante duas palavras completamente distintas, cuja evolução fonética aproximou graficamente, mas que continuam afastadas a nível do significado. É precisamente a cadeia *significante>significado* que nos permite compreender as palavras coincidentes na sua forma completa.

É evidente que o “falso amigo” é o resultado de um conflito entre essas duas facetas da palavra – o significante e o significado. Mais concretamente, pode dizer-se que corresponde a um lapso de aprendizagem por parte do falante ou estudante, no processo de atribuição destas duas partes a um único signo linguístico, quer oral quer escrito.

Digamos que, usando conceitos de outras disciplinas, o falso amigo em linguística é o equivalente aos falsos silogismos filosóficos ou às regras de três matemáticas, onde o falante põe em prática dois ou mais elementos linguísticos à procura de um resultado, que se estabelece por dedução.

Ora bem, a este princípio ou base de actuação, devemos acrescentar outros factores que condicionam o aparecimento de falsos amigos. O primeiro deles, e principal de todos, é a existência de duas línguas em simultâneo durante o processo. Esta situação, ainda que possa parecer óbvia e evidente, é muitas vezes esquecida, talvez por essa mesma evidência. No entanto, agora, para nós é necessário que o contacto entre línguas fique em primeiro plano porque dele emergem os outros condicionantes dos falsos amigos.

Portanto, no momento do aparecimento dum falso amigo, o falante encontra-se a trabalhar com ambas as línguas em simultâneo, Espanhol e Português no nosso caso, sob um efeito de bilinguismo. Como se sabe, o uso ou conhecimento de dois idiomas por parte de um mesmo falante não deve ser total para se considerar bilinguismo em toda a regra, pois mesmo que exista apenas compreensão escrita ou falada de uma segunda língua, assim como produção só escrita ou só falada, o fenómeno do bilinguismo considera-se realizado. Quer isto dizer que os estudantes espanhóis de Português, mesmo na sua fase de iniciação, já começam a exercer bilinguismo e portanto os processos de interferências linguísticas podem começar a aparecer em qualquer momento.

Estabelecido este ponto de partida, entramos já no resto de factores que exercem influência sobre o falso amigo, tais como as já nomeadas interferências ou a actividade da tradução mental, que comentaremos mais à frente neste estudo. Mas para já interessa-nos ficar com a ideia principal de que no falso amigo dá-se sempre e obrigatoriamente uma situação de bilinguismo ou, pelo menos, de duas línguas em contacto na mente do falante.

Se assim não fosse, e trabalhássemos apenas com uma só Língua, quer a espanhola quer a portuguesa, os fenómenos perante os quais nos iríamos debruçar seriam bem diferentes. A Homofonia e a Homonímia, produto também de analogias incorrectas ou falsas, podem realizar-se no interior de uma única língua, isolada, mas também entre dois idiomas, porém essa não é sempre a base de um falso amigo. No entanto, em muitas classificações dos falsos amigos, estes dois efeitos linguísticos são a sua razão principal.

Se, neste momento, não tivéssemos em conta que no processo de criação do falso amigo hão-de aparecer duas línguas activas como mínimo, chegávamos ao resultado da existência de múltiplas formas de “falsa amizade interna” dentro de cada uma das línguas isoladamente e mesmo quando tidas como maternas. Tanto as particularidades da Fonética da Língua Portuguesa, pela complexidade que oferece a um hispanofalante, como a controvertida³ ortografia de ambas as línguas, fazem com que surjam confusões de homofonia e homografia como estas que apresentamos a seguir:

	PORTUGUÊS	ESPAÑHOL
Homófonos	Fato / Facto	Baca / Vaca
	Hesitar / Excitar	Hola / Ola
	Anos / Ânus	Ala / Hala
	Dose / Doze	Rebelar / Revelar
	Caçar / Casar	Sí/Si
	Nós / Noz / Nós (pl nó)	
Homógrafas	Conto (v) / Conto (subs)	Vino (v) / Vino (subs)

³ Controvertida entendida como os conflictos que pode provocar a tendência culta do Espanhol frente ao português (proibir/proibir, por exemplo) e, ao mesmo tempo, por provocar importantes discussões nos países da América do Sul e a suas tentativas de reforma, tanto para o espanhol quanto para o português.

	Falo (v) / Falo (subs)	Velo (v) / Velo (subs)
--	------------------------	------------------------

Mas, na maioria das vezes, quando existe confusão entre este tipo de par de palavras é porque se verifica um erro ortográfico (resultado de um domínio rudimentar da nova língua estrangeira), dado que em quase todos os exemplos dados, e de preferência no Português, a fonética estabelece diferenças primordiais para a distinção de cada elemento linguístico. Enquanto os pares espanhóis *Hola/Ola* e *Hala/Ala* oferecem sempre e em qualquer situação a mesma realização fónica, os portugueses citados oferecem claras diferenças, pouco perceptíveis para os alunos de um nível inicial de PLE, mas fundamentais na língua portuguesa. Entramos assim na consideração da importância que a oralidade e a escrita têm na relação dos falsos amigos.

Podemos afirmar que, devido à origem comum e a momentos históricos de convívio de línguas, é na escrita o local onde a maioria dos falsos amigos na relação Português-Espanhol se encontram. Remetendo agora para a nossa própria introdução, podemos lembrar que em princípio qualquer falante de espanhol não encontra fortes obstáculos na compreensão de um texto escrito. Nesse ambiente, o estudante terá mais probabilidades de criar falsos amigos, pois grande número de esses supostos casos deixam de existir quando passados à realização oral.

Frente ao sistema simples do espanhol, onde cada grafia remete sempre para um único fonema e onde as vogais, sempre elos fundamentais na cadeia fónica, contam apenas com realizações exclusivas, a Língua Portuguesa revela-se para os estudantes foneticamente complexa e dependente de combinações. Estas diferenças entre escrita e oralidade no português levam-nos a afirmar que os falsos amigos orais são mínimos ou até inexistentes, dado que perante lexias completamente coincidentes o Português oferece fonemas vocálicos ou consonânticos que afastam a palavra da realidade espanhola e, por conseguinte, eliminam o suposto falso amigo.

Como exemplo desta afirmação, analisemos agora alguns dos pares de falsos amigos completamente coincidentes no plano gráfico. *Polvo*, *Carro* ou *Espantoso* são três casos que partilham uma mesma escrita nas duas línguas mas que, efectuadas oralmente, mostram importantes divergências:

	PORTUGUÊS	ESPAÑHOL
Polvo	[´polvu]	[´polbo]
Espantoso	[pã'tozu]	[espan'toso]
Carro	[´kaRu]	[´kar Ūo]

O fechamento das vogais átonas do Português (principalmente as finais, que às vezes quase desaparecem ao ouvido de um falante de espanhol), a produção labiodental do /v/, assim como a realização glotal do /R/ em Português, são fenómenos tão afastados da fonética espanhola e tão desconhecidos para um aluno do nível inicial que a palavra concreta acaba por ser irreconhecível para o ouvinte.

No entanto, e mesmo que sejam poucos, há casos de falsos amigos que oferecem uma única realização fonética, como acontece por exemplo com *apagar*, *anho*, *gana* ou *nota*, vocábulos que, no nosso entender, devem ter uma especial consideração.

Mas, voltando ao âmbito da escrita, devemos reconhecer que ela não só se evidencia como o maior local de produção de falsos amigos, mas também como o maior contexto de análise dos mesmos. Como se de uma ilusão óptica se tratasse, em princípio parece que o falso amigo é um termo apenas criado e usado pelos investigadores da aprendizagem de línguas para a definição objectiva de algumas das interferências ocorridas no processo de memorização, mas uma outra actividade late calada e passa despercebida -a tradução. Portanto, uma pergunta iniludível chega até nós: até que ponto o falso amigo pertence a uma ou a ambas as áreas linguísticas?

Achamos que a resposta não pode ser categórica, pois o falso amigo pode ser tanto particular quanto comum a cada disciplina. Isto é, para que o falso amigo seja inerente e próprio de alguma (ou ambas) especialidade, teríamos de a considerar como consequência de determinadas acções, da mesma forma que também o falso amigo seria nesse caso o contentor de algum produto ou efeito diferente ao que poderia criar no caso da outra disciplina linguística. Assim visto, poderia defender-se que o falso amigo elaborado por efeito da tradução não é o mesmo que aquele que surge num momento dado da aprendizagem de línguas.

Mas, por outro lado, já que o produto final é o mesmo, isto é, um falso amigo, seria irrelevante e entorpecedor fazer distinções a partir do local e origem de cada caso. Mas a verdade é que no fundo, a aprendizagem e a tradução partilham este efeito, até ao ponto de estas duas parcelas da Linguística não serem afastadas nem diferenciadas em determinadas aproximações aos falsos amigos. Assim diz, por exemplo, a Professora Díaz Ferrero⁴: “*La semejanza de las lenguas románicas, especialmente del español y el portugués, facilita y agiliza el aprendizaje, pero al mismo tiempo se convierte en una trampa y en una fuente de errores para la traducción.*”

III. TIPOLOGIA DO FALSO AMIGO.

Uma das classificações até agora mais seguidas pelos estudiosos do campo em questão é a que, como afirma Díaz Ferrero, se baseia no aspecto (sic) que provoca a falsa analogia⁵. Esta categoria de falsos amigos, também seguida com algumas variantes por Mário Morales de Castro noutro interessante artigo⁶, pode resumir-se assim:

1. Diferente sentido e forma idêntica ou semelhante:
 - 1.1. Homógrafos: *borracha, tela, vaso, garrafa, apagar, espantoso, azar, acordar, bolso, salsa, etc.*
 - 1.2. Homófonos: *talher, balcão, ninho, balão, galheta, mercearia, escova, assinatura, sótão, etc.*
2. Diferente género gramatical: *o nariz, a arte, a árvore, a paisagem, o leite, a síndrome, a omoplata, a pétala, etc.*
3. Diferente pronúncia: *academia, embolia, sintoma, limite, nível, elogio, fobia, etc.*
4. Diferente registo linguístico: *dano, perdão, excelentíssimo, lata, ligar, caldo, etc.*
5. Diferente grafia: *livro, cascavel, aprovar, algibe, gengibre, começar, ombro, hino, etc.*

Mas, lidos estes cinco casos com atenção, veremos que esse “aspecto” para o qual remete Díaz Ferrero não é outra coisa senão o aspecto físico ou aparência externa. Sendo assim, e como há séculos estabeleceu Ferdinand de Saussure, a aparência de qualquer forma linguística estabelece-se por dois parâmetros: externo, que permite ao falante reconhecer a forma, distingui-la e opô-la a outras; e interno, que faz possível dotar a forma de conteúdo linguístico. Por sua vez, a cara externa da forma linguística pode desdobrar-se em outras duas facetas, oral e escrita, segundo a fórmula pela qual o vocábulo seja percebido pelo falante, enquanto que o

⁴ Cfr. Díaz Ferrero, Ana: *Portugués y español. La traducción de la semejanza*; in www.ugr.es/~dpto.ti/act/congresoICAETI/res/archivos/Diaz.doc

⁵ Díaz Ferrero; op. cit.

⁶ Morales de Castro, Mário: *Estudo dos Falsos Amigos no Português e no Espanhol Orientado para o Ensino / Aprendizagem do Português e Para a Tradução*, in *Actas do VIII Encontro da Associação Portuguesa de Linguística*; Lisboa, 1992, pp 357-370.

lado interno da palavra tenta ser único e intransferível para não provocar casos de polissemia ou sinonímia.

Tendo este princípio fundamental em consideração, podemos regressar ao resumo de casos antes fornecido e ordená-lo em consonância, atendendo ao facto da analogia ser baseada no aspecto externo ou interno da palavra. Nesse caso, o esquema fica reagrupado do seguinte modo:

1. Aspecto Externo:

a) Escrita:

- Homógrafos
- Diferente Grafia

b) Oralidade:

- Homófonos
- Diferente pronúncia

2. Aspecto Interno:

- Diferente género gramatical
- Diferente registo linguístico

Mesmo assim, achamos que é ainda possível uma outra classificação, mais simples e ao mesmo tempo mais rigorosa e que colabore no processo de ensino e aprendizagem do Português como segunda língua. A partir dos casos já conhecidos, e com o propósito de traçar essa nova proposta de categorias dos falsos amigos, invertemos a ordem de análise e partimos desta premissa- estabelecer os limites para considerar uma forma como não sendo falso amigo.

Sobre a consideração daquilo que é ou não é um verdadeiro falso amigo recaem diversos factores. Para além dos que já temos comentado anteriormente, um dos mais conflituosos é o uso que o signo linguístico recebe por parte dos falantes. É evidente que a utilização social que se faz das palavras é determinante na sua semântica, atendendo a que, por vezes, é o próprio uso que acaba por desviar o termo para um determinado significado. Por isso, nem sempre é suficiente, no estudo dos falsos amigos, contar apenas com o significado, pois fora das disparidades ou afinidades semânticas que as lexias de duas Línguas possam apresentar, o desuso de uma dessas formas torna inexistente o par linguístico que constitui o falso amigo.

Quer dizer que é prioritário que ambas as formas escolhidas para representar uma falsa analogia linguística sejam de uso real e quotidiano, dentro das limitações que cada nível de ensino impõem por si mesmo e das que cada formante e formador estabelecem de maneira particular. Portanto, de nada serve propor pares de palavras nos quais um dos elementos provoca choque semântico só a partir da sua quarta ou quinta acepção, restrita aliás a alguma parcela técnica ou muito específica do idioma. Da mesma forma, os falsos amigos perdem um importante valor quando uma das palavras é tomada de uma variante dialectal ou de uma modalidade regional de fala, pois nesse caso reduzem-se de forma drástica as possibilidades reais de existência do falso amigo.

Em segundo lugar, achamos que as diferenças ortográficas também não são suficientes para considerar a existência de um falso amigo. Estabelecer pares como *Canção/Canción* ou *Apesar/A pesar*, supõe quase sempre preestabelecer analogias confusas que para nada atendem para os aspectos fonéticos, morfológicos e históricos que precisamente possibilitaram a existência de duas línguas ao mesmo tempo semelhantes e diferentes. Aliás, estas correspondências baseadas na aparência podem ter efeitos negativos na aprendizagem do Português, pois, por exemplo, neste caso estabelece-se como regra geral que a terminação portuguesa *-ão* equivale à espanhola *-ón*, quando é sabido que estas diferenças têm a sua razão nas diferentes terminações latinas *-ANVM* e *-ONEM*.

É óbvio e evidente que *Canção/Canción* são formas muito parecidas, pois em essência são a mesma na perspectiva da origem. Se as considerássemos falsos amigos não teríamos mais remédio do que ir progredindo nos exemplos, ampliando-os cada vez mais até chegar a enfrentar por completo os dois sistemas linguísticos, o espanhol e o português.

Isto incide de novo na importância que o carácter semântico tem em todo o processo. Podemos, por exemplo, nessa continuidade analógica da qual antes falávamos, imaginar a inclusão de todos os pares verbais do tipo *Cantara/Cantara*. Todos os falantes de Espanhol viriam a identificar a forma *Cantara* portuguesa com o tempo imperfeito do conjuntivo espanhol por desconhecerem que se trata de uma forma de indicativo e, o que é ainda mais importante, que historicamente é esta segunda opção a mais correcta ou aproximada ao Latim.

Entrando assim em pleno na consideração de processos de formação histórica de línguas, devemos também atender para dois casos específicos- as chamadas lexias cognatas e as diferenças de género. Em relação ao primeiro caso, palavras que partilham o mesmo radical mas que correspondem a zonas de uso diferentes, temos de dizer que o Português faz divergir mais étimos do que o Espanhol, como por exemplo acontece com *Dois/Duas, Tráfego/Tráfico ou Sono/Sonho*.

Geralmente estes pares com idêntico étimo apenas correspondem a um termo em Espanhol, com o qual se pretende estabelecer uma situação de falso amigo. Mas, para o nosso entendimento, o que acontece nesta situação é apenas desconhecimento por parte do aluno sobre a evolução de determinadas palavras portuguesas para duas formas, da mesma forma que o falante de espanhol desconhece a natureza de certas qualidades linguísticas de outras línguas, como podem ser o partitivo do Catalão e do Italiano, o neutro de matéria do Leonês ou os morfemas possessivo-genéricos do Alemão. Quer dizer, para nós a divergência de signos linguísticos a partir de uma mesma etimologia deve ser tirada da exclusividade do plano do léxico e ser contemplada dentro do todo da Língua Portuguesa.

Assim visto, cabe ao aluno o dever de ir progredindo em conhecimentos e aumentar paulatinamente o seu vocabulário, até saber usar e distinguir correctamente as lexias cognatas. É preciso, portanto, eliminar a gravidade do assunto, sobretudo quando mais da metade dessas lexias cognatas não se assemelham a nenhuma outra forma do Espanhol. Aliás, as diferenças existentes e apreciáveis entre os três pares de lexemas do Português antes expostos são percebidas pelo hispanófono da mesma forma que ele distingue e aprecia determinadas formas que também são coincidentes na forma da sua Língua Materna. Para o aluno médio do nível inicial, que não atende a questões de origem da Língua e evolução do vocabulário, as diferenças entre *Dois/Duas, Tráfego/Tráfico ou Sono/Sonho* compreendem-se da mesma forma que em Espanhol se explicam as diferenças do chamado género dimensional, como por exemplo *charco/charca (poça/lagoa)*.

Relativamente às diferenças de género morfológico, segundo alguns autores, esta diferença também serve como razão para um falso amigo. Da mesma forma que alguém recém iniciado na aprendizagem do Português terá de assimilar novas terminações verbais, também deverá reestruturar muitas terminações genéricas. Mas estas diferenças, simplesmente externas, também não podem ser consideradas como falsos amigos considerando que a analogia realizada pelo aluno resulta positiva.

O aluno, neste caso, desconhece o processo histórico de redução de casos e géneros latinos, o qual nunca foi tão rígido como o considerado por alguns estudiosos dos falsos amigos. Vejamos estas afirmações de Manuel Alvar e Barnard Pottier⁷: “De ello se infiere que el género gramatical en español depende –sobre todo- de causas históricas (se mantiene con bastante fidelidad la herencia latina), aunque éstas puedan quedar perturbadas por otras analógicas (los sustantivos en –e abundan más en masculino y, por tanto, atraen a algunos femeninos), o, en los casos de inseguridad original, se crean masculinos o femeninos sin gran rigor en una división que, incluso, puede mantenerse vacilante a lo largo de siglos. Con lo que viene a probarse la arbitrariedad del género gramatical y la indiferencia de la lengua ante tales hechos”.

Exactamente igual acontece com falsos amigos propostos em outros estudos anteriores, onde os vocábulos portugueses *praça* ou *branco* são opostos aos espanhóis *plaza* e *blanco*,

⁷ Alvar e Pottier: *Morfología Histórica del Español*, Madrid Gredos, pág 45.

omitindo a tendência natural do português para as consoantes laterais líquidas em interior de sílaba frente à vibrante simples escolhida pelo Espanhol. As diferenças de género, junto com as diferenças notadas entre /r/ e /l/, assim como o desaparecimento em Português de todos os /-n/ e /-l/ latinos intervocálicos (DOLORE>dolor>door>dor; COLORE>color>coor>cor; FAMINE>fomne>fome) frente à permanência em Espanhol, configuram a essência gramatical portuguesa e nunca podem ficar longe do olhar do professor ou do investigador.

Com estas noções presentes, vemos que mesmo que o aluno enfrente formas como *Praça/Plaza, Branco/Blando* ou *Brando/Blando*, o falso amigo nunca se materializa, pois as equivalências pressupostas, *a priori*, são as correctas. E se, como de certo o é, o nosso propósito ao estabelecer uma listagem de casos é mais pedagógica do que científica ou pragmática, com a eliminação de casos como os citados estaremos a dar um passo em frente na facilidade de aprendizagem.

Excluídos, portanto, estes factores arbitrários sob o nosso critério (ortografia, uso), dirigimos agora o nosso olhar para o aspecto mais importante de todos: o conteúdo semântico do signo linguístico. É evidente que a analogia que se quer estabelecer entre palavras resulta falsa graças à oposição dos respectivos significados. Desde esta perspectiva nada faria pensar que às vezes resulta complicado determinar quando estamos perante falsos amigos se não fosse porque, tanto a Língua Espanhola como a Portuguesa, possuem um elevado índice de polissemia.

Muitos dos falsos amigos apresentados na relação Português- Espanhol estão constituídos a partir de uma segunda ou até terceira aceção, para além de outros segundos significados que se possam atribuir a nível diatrático ou diafásico. Neste caso convém ter prudência no momento de estabelecer falsos amigos e não escolher significados paralelos muito restritos no seu uso, pois nesse caso voltamos a reduzir as possibilidades reais de existência da falsa analogia.

Neste sentido, tomemos como exemplo a oposição dos termos *Lata/Lata*, ambos polissémicos nas suas línguas de origem. Mesmo assim, e apesar da pluralidade de significados, ambas as palavras possuem como primeira aceção ‘metal’, enquanto que só a partir das seguintes significações começam a aparecer disparidades. Esta prioridade de significados poderia ficar esquematizada no seguinte quadro:

Falso Amigo: Lata	PORTUGUÊS	ESPAÑHOL
1ª Aceção	Metal	Metal
2ª Aceção	Descaramento	Molestar (<i>aborrecer</i>)

Acontece então que inserir o par *Lata/Lata* na listagem correspondente a um nível de iniciação pode levar ao aluno a evitar o uso certo desta palavra na sua primeira aceção quando esta é a correcta. Além de mais, é preciso ter em conta que “*Lata*” no sentido português de ‘descaramento’, como indicávamos mais acima, só aparece na expressão idiomática “*Ter Lata*”. Logicamente, adquirir tais níveis de conhecimento está fora não só de um nível de iniciação, mas também fora das pretensões de fala de um estudante estrangeiro de Português habitual.

Aliás, tratando-se de estudantes com o Espanhol como Língua Materna, parece-nos melhor ideia optar por uma outra via de ensino para este caso, em particular, e outros semelhantes em geral, dado que o sentido de ‘descaramento’ reproduz-se igualmente em Espanhol através de uma perífrase linguística formulada com o verbo *Ter*. Em Espanhol, pode-se encontrar um equivalente a “*Ter Lata*” na expressão “*Tener cara*” e, visto que ambas as fórmulas populares de expressão partilham o mesmo esquema sintáctico do *Verbo Ter+Substantivo*, parece-nos mais adequado incluir este candidato a falso amigo num nível superior de ensino, sempre dentro dos usos específicos que o Português dá a determinados verbos de frequência elevada, como o *Ter, Ser* ou *Estar*.

Como dizíamos, da mesma forma que eliminamos o registo linguístico na consideração dos falsos amigos, temos que afastar a distribuição geográfica do total das razões que coincidem

no aparecimento dos falsos amigos, e apenas apreciá-la em casos muito específicos. Chamamos a atenção sobre a necessidade de trabalhar sempre sobre sistemas padrões de Língua não só por serem o Espanhol e o Português duas Línguas fragmentadas em variedades ou modalidades internas (maiores e mais apreciáveis no Espanhol, se não temos em consideração as variedades não europeias), mas porque, no caso do Espanhol, a Língua encontra-se em constante contacto com outras (Catalão, Basco, Galego e até o Inglês, o Francês e o Árabe se olharmos para a situação linguística de Gibraltar, Ceuta e Melilla), o que provoca inúmeros casos de bilinguismo que influenciam de maneira importante a variação linguística do hispanófono que se encontra nessa geografia e posteriormente a sua aprendizagem da Língua Portuguesa, aquando do seu estudo.

Com base nestas ideias, achamos justificado eliminar, ou pelo menos reconsiderar, alguns falsos amigos típicos dos estudos da relação Português-Espanhol, tais como *Assinar/Asignar* ou *Assento/Asento*. Em verdade devemos reconhecer que a semelhança destas formas escritas é elevada, sobretudo no segundo caso, e que tendo as palavras espanholas distinto significado das portuguesas, é factível a produção de um falso amigo. Mas, observados estes exemplos desde a perspectiva fonética, torna-se obrigatório recorrer à pronúncia típica de uma variedade regional do Espanhol para o falso amigo chegar a ser efectivo. Assim, no primeiro dos exemplos, é imprescindível que a realização espanhola omita a consoante oclusiva sonora para se aproximar então da ausência do dito fonema na palavra em Português. Esse desaparecimento é quase impossível de verificar, pois a única realização aproximada que se pode comparar é a de substituição da vogal sonora por um outro fonema aspirado, como é normal das falas andaluzas. Esta modalidade de fala, que não pode chegar a ser considerada dialecto e que se estende muito mais além das fronteiras políticas da Andaluzia, também generaliza o fonema surdo /s/ nos casos onde corresponde /è/, de modo que um falante desta região faria equivalente o segundo exemplo proposto (*Assento/Acento*).

Parece-nos então arriscado propor pares de falsos amigos para cuja existência é necessário recorrer a duas modalidades de oralidade muito precisas para completar o espaço vazio deixado por duas semelhanças externas da palavra pouco evidentes. Torna-se necessário, uma vez mais, trabalhar sempre sobre sistemas padrões de Língua e evitar deixar de lado o perfil real a que obedecem geralmente os estudantes de Português com o Espanhol como Língua Materna.

Situação muito semelhante é a que encontramos nos falsos amigos constituídos por diferenças de uso em determinadas camadas sociais da população (ou diastratia). Devemos contar com a possibilidade de que, para um falante de um nível de conhecimento médio ou superior, fiquem eliminados alguns pares de falsos amigos. Um exemplo próximo a esta situação encontramos-lo na palavra “*gaveta*” que, mesmo sem chegar a estabelecer um falso amigo, elimina o processo de aprendizagem/memorização do termo, já que o Espanhol possui em desuso esta mesma forma, com idêntico significado.

Por último, e paralelamente a todos estes factores de produção dos falsos amigos, um elemento constante deve ficar em primeiro plano na nossa análise: o contexto. Já seja considerando o falso amigo no âmbito do ensino/aprendizagem ou já na tradução, inevitavelmente a analogia linguística passa a depender do contexto. Em diversas ocasiões, a localização do termo em questão será a base para o início do processo de equívoco semântico, enquanto que noutras situações acontecerá completamente o contrário.

O contexto geral no qual se insere o falso amigo já alerta o aluno sobre as futuras repercussões e, às vezes, torna-se impensável pretender manter o significado que uma determinada palavra tem na Língua Materna nesse âmbito da comunicação. Evidentemente, era lícito afirmar-se agora que o contexto pode exercer precisamente o efeito contrário e gerar por ele próprio o conflito semântico. Mas a elevada semelhança das escritas do Português e do Espanhol fazem-nos fixar mais concretamente sobre a estrutura sintáctica como fornecedor de falsos amigos.

Como exemplo, podemos apontar agora para a enorme diferença existente entre as construções finais elaboradas nas respectivas Línguas com a estrutura “*para+si*”. A forma de respeito “*sí*” é inexistente em Espanhol, pois esta Língua apenas possui os níveis de tratamento informal e formal, representados respectiva e unicamente por *Tú* e *Usted*. Mas o conflito

semântico aparece quando, neste caso, é possível encontrar uma forma plenamente coincidente com “*si*” mas equivalente ao condicional “*se*”.

Desta forma, quando o estudante espanhol repara numa construção do tipo *para+si*, fica à espera da inclusão de uma oração subordinada (*para se*) e a oração que tem perante ele não faz sentido, pois está carente de conteúdo. Este caso pode acontecer numa oração passiva do tipo “*Esta promoção é feita para si*”, onde o hispanófono fica à espera de mais um segmento comunicativo após ler o introdutor “*si*”, já que na sua ordem de tradução a frase apresentada equivale a “*Esta promoção é feita para se...*”. Portanto, o estudante deve fazer frente, neste caso, não só às diferenças de significado, mas também a uma remodelação da ordem de tratamento formal, incluindo um novo nível (“*você*”, sem equivalente em Espanhol) e a nova forma apresentada (“*si*”).

Para nós este e outros casos semelhantes vêm demonstrar a importância que o falso amigo tem na aprendizagem das Línguas e a necessidade de reorientar este fenómeno fora das fronteiras da tradução, isolando as consequências de um e outro ambiente. Seja como for, achamos já suficiente o até agora dito para poder traçar as novas linhas onde encaixar os falsos amigos na especial relação Português-Espanhol.

Eliminando agora o contexto de produção, que se entende tanto no âmbito de ensino/tradução, como no ambiente de localização (texto escrito ou oral), devemos marcar os requisitos minimamente obrigatórios para a consideração de falso amigo:

- a) As respectivas estruturas externas devem ser altamente semelhantes;
- b) Deve produzir-se conflito semântico real, quer isoladamente quer no contexto de fala;
- c) Se a semelhança entre pares for fonética, ambas as realizações devem pertencer aos sistemas padrões de Língua;
- d) Os diferentes significados devem proceder de uma primeira acepção ou de uma segunda significação suficientemente generalizada.

Estes parâmetros, podem, por sua vez, ver-se resumidos em apenas nos dois factores que até agora temos destacado e defendido para considerar hipotéticos falsos amigos entre as duas Línguas: semelhança de formas e disparidade de significados. Deste modo, e dependendo do plano externo dos signos linguísticos sobre o qual se deseje orientar a relação de falsa analogia lexical e da graduação que atinja a dissemelhança semântica, poderíamos distinguir somente duas categorias de falsos amigos: o falso amigo total e o falso amigo parcial.

O primeiro caso é aquele onde a semelhança entre dois termos de Línguas diferentes envolve os dois planos externos do signo linguístico, a escrita e a oralidade, e sempre que o enfrentamento semântico seja efectuado sobre primeiras acepções. Frente a este caso, o falso amigo parcial é aquele que se realiza apenas sobre a escrita ou sobre a fala, bem como aquele que confronta segundos significados. Com este procedimento, simplificamos antigas classificações estabelecidas apenas sobre a aparência externa, considerando agora a homofonia e a homografia questões secundárias, já que neste momento a relevância é dada totalmente ao nível semântico.

A partir desta ideia, resumimos a nossa proposta no seguinte quadro, dando espaço às situações possíveis:

COINCIDÊNCIA EXTERNA		CHOQUE	TIPO	CLASSE
Escrita		1ª significação	F.A. Parcial	Homógrafo
Escrita	Fala	1ª significação	F.A. Total	
Fala		1ª significação	F.A. Parcial	Homófono
Escrita	Fala	2ª significação	F.A. Parcial	

Obtemos então três tipos de falsos amigos constituídos sobre o choque de dois primeiras acepções não coincidentes e uma quarta categoria para aquelas palavras plenamente coincidentes, mas confrontadas num segundo sentido, atribuído por determinados contextos ou níveis de fala. Desta maneira, dentro de cada tipologia seria possível distinguir fenómenos de homografia e homofonia, quando fossem realmente existentes sobre o sistema padrão de fala.

Acrescentando à anterior tabela alguns casos exemplares, chegamos ao seguinte quadro:

TERMO (pt)	COINCIDÊNCIA EXTERNA		CHOQUE	TIPO	CLASSE
Aceite	Escrita		1ª significação	F.A. Parcial	Homógrafo
Anedota	Escrita		1ª significação	F.A. Parcial	
Apagar	Escrita	Fala	1ª significação	F.A. Total	Homg/Homf
Combinar	Escrita	Fala	1ª significação	F.A. Total	Homg/Homf
Ninho		Fala	1ª significação	F.A. Parcial	Homófono
Escova		Fala	1ª significação	F.A. Parcial	
Lata	Escrita	Fala	2ª significação	F.A. Parcial	Homg/Homf

Encontrámos aí, portanto, dois pares de falsos amigos considerados por nós parciais por se basearem apenas em aspectos externos, já na escrita, como no caso de *Anedota/Anécdota*, já no caso da oralidade, como acontece em *Escova/Escoba*. Junto com eles temos outros dois casos irmãos, os de *Aceite/Azeite* e *Ninho/Niño*, que contêm semelhanças externas até fazerem parte dos fenómenos da homografia e homofonia, processos que antes não eram possíveis devido a alterações de posição da sílaba tónica e das diferentes realizações do fonema –s.

Contamos também com outros dois casos de falsos amigos totais, onde, de igual modo, se reproduzem fenómenos de repetição da escrita e da realização fónica. Dentro desta área, o caso mais evidente é o par *Apagar/Apagar*, onde as correspondentes pronúncias do Espanhol e do Português não podem encontrar elementos divergentes dado que a realização da consoante velar oclusiva sonora intervocálica é única em ambas as Línguas. A mesma justificação, só que trasladada agora para a realização da labial oclusiva sonora, é a que podemos oferecer para o par *Combinar/Combinar*.

Finalmente, encontramos o caso já antes referido de *Lata/Lata*, que, apesar de se apresentar como um par plenamente coincidente (à exceção de leves diferenças na realização do /l/, que é mais velarizado em Português do que em Espanhol), tem sido catalogado como exemplo de falso amigo parcial. A razão, que já sabemos, é que as divergências de significado apenas se produzem no ambiente de fala muito concreto, o qual não nos parece suficiente para elevar o caso a falso amigo geral. Perto desta situação encontra-se o anterior exemplo dado, *Combinar/Combinar*, pois trata-se de um par até certo ponto incompleto já que o significado sobre o qual se baseia (*'marcar um encontro com alguém'*) é secundário em Português. Mas, por possuir esse segundo significado um registo de uso na Língua quotidiana, provavelmente superior à primeira acepção, torna-se, para a situação de ensino, um falso amigo total.

APÊNDICE

São já muitos os apêndices e dicionários de Falsos Amigos existentes, e resulta portanto inevitável não cair na repetição, dado que o *corpus* continuará intacto no seu conjunto. Apenas é possível encontrar pequenas diferenças entre as propostas que se podem encontrar nas variadas publicações e páginas da Internet. Neste sentido, o nosso *corpus* é coerente com o exposto até agora, pelo qual a redução de casos em comparação a outros estudos será maior. No entanto, pela mesma razão, inserimos alguns vocábulos até agora despercebidos, na tentativa de fazer ainda mais força na teoria de reorientação proposta.

A interpretação do seguinte glossário deve realizar-se como um duplo dicionário-Português>Espanhol e vice-versa, de forma a fazer coincidir as formas aparentemente semelhantes na entrada de cada um dos dicionários.

PORTUGUÊS	ESPAÑHOL	ESPAÑOL	PORTUGUÊS
Aborrecer	Molestar	Aborrecer	Detestar
Abrigo	Refugio	Abrigo	Casaco
Aceitar	Aceptar	Aceitar	Lubrificar
Aceite	Aceptado, aceite	Aceite	Azeite, óleo
Acordar	Despertar	Acordar	Lembrar
Aliás	Además	Alias	Alcunha
Anedota	Chiste	Anécdota	Facto real engraçado
Anho	Cordero	Año	Ano
Apagar	Borrar	Apagar	Desligar
Apaixonado	Enamorado	Apasionado	Afeiçoado
Apenas	Sólo, sólamente	A penas	Quase
Arcada	Conjunto de arcos	Arcada	Convulsão do vômito
Asa	Ala	Asa	Pega
Assinatura	Firma	Asignatura	Disciplina
Aula	Clase	Aula	Sala de Aula
Azar	Mala suerte	Azar	Sorte, Fortuna
Balcão	Mostrador	Balcón	Varanda
Barata	Cucaracha	Barata	Económica
Beata	Colilla	Beata	Mulher demasiado religiosa
Bilhete	Entrada, tiquet	Billete	Nota
Bilheteira	Taquilla	Billettera	Porta-moedas
Bocado	Poco	Bocado	Dentada
Bolso	Bolsillo	Bolso	Carteira de senhora
Borracha	Goma	Borracha	Bêbada
Brincar	Jugar	Brincar	Saltitar
Brincos	Pendientes	Brincos	Pulos
Cadeira	Silla	Cadera	Anca
Camioneta	Autobús regular	Camioneta	Carrinha
Cana	Caña de pesca	Cana	Cabelo branco
Carro	Automóvil	Carro	Coche, carroça
Cartão	Tarjeta	Cartón	Papelão
Cena	Escena	Cena	Jantar
Chatear	Molestar, enfadar	Chatear	Falar em chat
Chato	Aburrido, pesado	Chato	Pessoa com nariz pequeno
Coelho	Conejo	Cuello	Pescoço
Colada	Pegada, encolada	Colada	Roupa lavada
Colar	Pegar con cola	Colar	Coar
Combinar	Quedar, citar	Combinar	Fazer Combinação
Concorrência	Competencia	Concurrencia	Confluência
Convicto	Convencido	Convicto	Presidiário
Copo	Vaso	Copo	Floco
Corrida	Carrera	Corrida	Tourada
Costas	Espalda	Costas	Litoral Marinho
Cravo	Clavel	Clavo	Prego
Criança	Niño	Crianza	Criação
Cumprimentar	Saludar	Cumplimentar	Preencher

Curso	Carrera universitaria	Curso	Ano académico
Desabrochar	Manifestar	Desabrochar	Desapertar
Desenho	Dibujo	Diseño	"Design"
Desenvolver	Desarrollar	Desenvolver	Desembrulhar
Despacho	Resolución administrativa	Despacho	Gabinete
Doce	Dulce	Doce	Doze
Embaraço	Complicación	Embarazo	Gravidez
Engraçado	Gracioso	Engrasado	Engraxado
Escova	Cepillo	Escoba	Vassoura
Escritório	Oficina	Escritorio	Mesa-secretária
Espanto	Admiración	Espanto	Horror
Espantoso	Sorprendente	Espantoso	Horrível
Esperto	Listo, inteligente	Experto	Perito
Esquisito	Extraño	Exquisito	Delicioso
Estofado	Tapizado	Estofado	Guisado
Estufa	Invernadero, vivero	Estufa	Fogão
Exprimir	Expresar	Exprimir	Espremer
Farol	Faro marítimo	Farol	Farolim
Fechar	Cerrar	Fechar	Datar
Férias	Vacaciones	Ferías	Feiras
Frente	Delante	Frente	Testa
Gana	Hambre, apetito	Gana	Vontade
Ganga	Tela vaquera	Ganga	Pechincha
Gordura	Grasa	Gordura	Grossura
Gozar	Burlarse	Gozar	Desfrutar
Graça	Gracia	Grasa	Graxa
Grade	Reja, verja	Grada	Gradeamento
Grifo	Animal Mitológico	Grifo	Torneira
Guizo	Cascabel	Guiso	Cozinhado
Largo	Ancho	Largo	Comprido
Largura	Anchura	Largura	Comprimento
Legenda	Subtítulo	Leyenda	Lenda
Mala	Maleta	Mala	Má
Mas	Pero	Más	Mais
Mear	Dividir en dos	Mear	Urinar
Mediano	Medio	Mediano	Médio
Médio	Mediano	Medio	Meio
Mofeta	Humarea volcánica	Mofeta	Doninha
Ninho	Nido	Niño	Criança
Nota	Billete	Nota	Bilhete
Oficina	Taller	Oficina	Escritório
Osso	Hueso	Oso	Urso
Paquete	Transatlántico	Paquete	Embrulho
Pegada	Huellas, pisadas	Pegada	Colada
Pegar	Coger	Pegar	Bater, colar
Pelo	"Por el"; "por lo"	Pelo	Cabelo
"Pila"	Pene, "pito"	Pila	Pilha
Polvo	Pulpo	Polvo	Pó
Posse	Posesión	Pose	Postura
Prenda	Regalo	Prenda	Peça de roupa
Prestar	Servir	Prestar	Emprestar
Presunto	Jamón serrano	Presunto	Suposto, hipotético
Procurar	Buscar	Procurar	Tentar

Pronto	Terminado, acabado	Pronto	Cedo
Propina	Matrícula, cuota	Propina	Gorjeta
Quadro	Pizarra	Cuadro	Moldura
Rato	Ratón	Rato	Momento
Regalo	Deleite	Regalo	Prenda, presente
Saco	Bolsa	Saco	Saca
Salada	Ensalada	Salada	Salgada
Salsa	Perejil	Salsa	Molho
Sobremesa	Postre	Sobremesa	Momento após almoço
Sótão	Ático, buhardilla	Sótano	Cave
Sucesso	Éxito	Suceso	Acontecimento
Sujo	Sucio	Suyo	Dele, dela
Taça	Copa	Taza	Chávena, caneca
Talher	Cubierto	Taller	Oficina
Termo	Término	Termo	Garrafa térmica
Todavía	Sin embargo	Todavía	Ainda
Varanda	Balcón	Baranda	Corrimão
Vaso	Macetero	Vaso	Copo
Vassoura	Escoba	Basura	Lixo
Vassoureiro	Vendedor de escoba	Basurero	Lixeiro

BIBLIOGRAFIA

- Carrasco González, Juan Manuel: *Manual de Iniciación a la Lengua Portuguesa*, Ariel Linguas Modernas, Barcelona, 2001
- Castro Moutinho, Lurdes: *Uma Introdução aos Estudos da Fonética e da Fonologia do Português*, Coleção Plátano Universitária, Plátano Editora, Lisboa, 2000
- Díaz Ferrero, Ana: *Portugués y español. La traducción de la semejanza*; in www.ugr.es/~dpto.ti/act/congresoICAJETI/res/archivos/Diaz.doc
- Morales de Castro, Mário: *Estudo dos Falsos Amigos no Português e no Espanhol Orientado para o Ensino / Aprendizagem do Português e Para a Tradução*, in *Actas do VIII Encontro da Associação Portuguesa de Linguística*; Lisboa, 1992